

Joel, um menino
da Galileia

Joel, um menino da Galileia



Annie Fellows Johnston



São Paulo, SP

Copyright © 1895, Annie Fellows Johnston
Título do original: Joel, a boy of Galilee

Todos os direitos desta edição reservados para

EDITORA GADEL

Avenida Paulista, n. 1471, sala 1110

São Paulo, SP, — CEP 01.311-927

www.editoragadel.com.br

1ª edição, 2023

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Tradução de texto: *Gisele Guedes*

Preparação e revisão de texto: *Paula Jacobini*

Capa e diagramação: *Marcos Jundurian*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Johnston, Annie Fellows, 1863-1931

Joel, um menino da Galileia / Annie Fellows Johnston ;
[tradução Gisele Guedes]. – 1. ed. – São Paulo : Editora Gadel,
2023.

250 p.: il., 21 cm

Tradução de: Joel, a boy of Galilee

ISBN 978-65-981342-3-5

1. Ficção - Literatura infantojuvenil 2. Jesus Cristo - Ficção
I. Título.

23-174283

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129








Sumário



| | |
|-------------------|-----|
| Capítulo 1 | 7 |
| Capítulo 2 | 29 |
| Capítulo 3 | 43 |
| Capítulo 4 | 63 |
| Capítulo 5 | 71 |
| Capítulo 6 | 81 |
| Capítulo 7 | 99 |
| Capítulo 8 | 109 |
| Capítulo 9 | 121 |
| Capítulo 10 | 131 |
| Capítulo 11 | 145 |
| Capítulo 12 | 159 |
| Capítulo 13 | 171 |
| Capítulo 14 | 181 |
| Capítulo 15 | 193 |
| Capítulo 16 | 203 |
| Capítulo 17 | 215 |
| Capítulo 18 | 227 |
| Capítulo 19 | 239 |





Capítulo

1

Era dia de feira em Cafarnaum. Camponeses estavam vindo das pequenas aldeias entre as colinas da Galileia, com manteiga e ovos frescos. Pescadores exibiam grandes cordões de percas e carpas brilhantes, recém-pescadas do lago ao lado da cidade. Agricultores de videiras empilhavam suas cestas com uvas apetitosas, e meninos espantavam preguiçosamente as moscas das travessas de mel silvestre que haviam ido buscar no campo antes do amanhecer.

Uma menina de dez anos abriu caminho pela movimentada praça do mercado, carregando seu irmãozinho nos braços e repreendendo outra criança que se agarrava às suas saias.

— Aprese-se, seu lesma! — Disse-lhe. — Há uma caravana de camelos parada perto da alfândega. Aprese-se se quiser vê-la!

Seus pés descalços se moveram rapidamente sobre as pedras, descendo até a areia quente à beira do lago. As crianças se aproximaram dos camelos peludos, curiosas para ver o que estes carregavam em suas enormes cargas. Mas, antes que os animais fossem obrigados a ajoelhar-se

para que os funcionários da alfândega pudessem examinar as cargas, o menino deu um grito de surpresa.

— Olhe, Jerusha! Olhe! — Ele gritou, puxando as saias da menina. — O que é isso?

Mais adiante na fila, vinham vários homens carregando macas. Em cada uma delas havia um homem gravemente ferido, a julgar pelas muitas bandagens que os envolviam.

Jerusha avançou para ouvir o que tinha acontecido. Um dos condutores estava contando a um cobrador de impostos:

— Naquele último desfiladeiro rochoso depois de deixar Samaria, fomos atacados por bandidos. Eles desceram pelos penhascos e lutaram como águias. Estes homens, que estavam indo na frente, tinham muito ouro com eles; eles perderam tudo e poderiam ter sido mortos se não tivéssemos chegado em tão grande número logo atrás. Aquele pobre rapaz ali mal consegue sobreviver, eu acho... Ele foi tão espancado.

As crianças se aproximaram um pouco mais da forma imóvel na maca. O jovem estava gravemente machucado e ensanguentado, e parecia já sem vida.

— V-vamos embora, Jerusha — sussurrou o menino, soluçando e puxando a mão da irmã. — Não gosto de olhar para ele.

Com o bebê pesado ainda em seus braços e a outra criança seguindo-a, a menina começou a voltar lentamente para a praça do mercado.

— Eu lhe digo o que faremos — exclamou. — Vamos chamar as outras crianças e brincar de bandidos. Nunca fizemos isso antes. Será muito divertido.

Houve um grito de boas-vindas quando Jerusha apareceu novamente na praça do mercado, onde um grupo de crianças estava brincando de pega-pega, sem se importar com os homens e animais contra os quais esbarravam. Todas eram mais novas do que ela e não se ressentiam pelo ar de importância da menina ao chamar:

— Venham aqui! Eu conheço um jogo melhor do que esse!

Ela contou a eles o que tinha acabado de ver e ouvir na praia e pintou uma imagem tão vívida do ataque, que as crianças estavam prontas para tudo o que ela propusesse.

— Agora vamos escolher os grupos — ela disse. — Eu serei uma rica comerciante vinda de Jerusalém com minha família e meus servos, e todos vocês podem ser bandidos. Vamos seguir com nossos bens, e vocês nos atacam quando passarmos. Vocês podem pegar o bebê como prisioneiro, se quiserem — acrescentou, com um sorriso travesso. — Estou cansada de carregá-lo.

Um menino sentado perto dali em um degrau pulou, animado.

— Deixe-me brincar também, Jerusha! — ele exclamou. — Eu serei um dos bandidos. Eu sei exatamente os melhores lugares para me esconder!

A garota fez uma pausa por um instante na escolha para seu grupo e disse com impaciência, embora não quisesse ser desagradável:

— Oh, não, Joel! Não queremos você. Você é muito manco para correr. Não pode brincar conosco!

O olhar brilhante e ansioso desapareceu do rosto do menino, e uma luz de raiva surgiu em seus olhos. Ele pressionou os lábios com força e sentou-se novamente no degrau. Enquanto as crianças corriam para longe, era possível ouvir o som de muitos pés descalços. Suas vozes soaram cada vez mais fracas, até que desapareceram completamente no barulho da movimentada rua.

Normalmente, Joel encontrava muitas coisas para se divertir e se interessar ali. Ele gostava de observar os burros sonolentos com suas cargas de frutas frescas e vegetais; gostava de ouvir os homens anunciando suas mercadorias ou conversando sobre os negócios com seus clientes. Sempre havia algo novo para ser visto nas barracas e nos quiosques. Sempre havia algo novo para ser ouvido nos fragmentos de conversa que chegavam até ele enquanto estava sentado.

Por aquela rua, às vezes passavam longas caravanas, pois ela era “a estrada para o mar”, a rota que levava do Egito à Síria. Rostos estranhos e morenos às vezes passavam por ali; príncipes mercadores ricamente vestidos com suas preciosas mercadorias vindas do outro lado do rio Nilo; pesadas cargas de tapetes babilônicos; pérolas do Ceilão e

ricos tecidos para a corte da perversa Herodias, na cidade vizinha. Pescadores e marinheiros, rabinos e trabalhadores ocupados passavam em uma interminável procissão.

Às vezes, um soldado romano da guarnição passava com passos ressoantes e espada tilintante. Então, Joel se levantava para observar a figura ereta, com um olhar ansioso que dizia mais claramente do que palavras sobre sua admiração por tal força e simetria. Mas, naquela manhã, a multidão lhe dava uma sensação estranha e solitária, um desejo faminto por companhia.

Dois garotos quase crescidos passaram a caminho do lago, com redes de pesca penduradas nos ombros. Ele reconheceu o mais alto, um sujeito rude e de bom coração que uma vez o levou em seu barco pelo lago. Ele deu a Joel um aceno desatento e simpático enquanto passava. Um momento depois, sentiu um tímido puxão na rede de pesca que estava carregando e virou-se para ver o rosto suplicante do pequeno aleijado.

— Dan! — Joel exclamou ansiosamente. — Você vai ao lago esta manhã? Poderia me levar com você?

O garoto hesitou. Qualquer resposta gentil que ele pudesse ter dado foi rudemente interrompida por seu companheiro, o qual Joel nunca tinha visto antes.

— Ah, não! — Ele disse com aspereza. — Não queremos ninguém mancando atrás de nós. Você não pode vir, Jonas; você traria má sorte para nós.

— Meu nome não é Jonas! — gritou o garoto, cerrando os punhos com raiva. — É Joel!

— Bem, é tudo a mesma coisa — seu algoz respondeu com uma risada grosseira. — Você é um Jonas, de qualquer jeito.

Desta vez, havia lágrimas nos olhos do garoto, enquanto ele se arrastava de volta para o degrau.

— Eu odeio todo mundo no mundo! — ele disse em um sussurro sibilante. — Eu odeio. Eu odeio!

Um estranho que passava se virou para dar uma segunda olhada no rosto sensível e refinado do pequeno aleijado. Seria um rosto belo e infantil, se não fosse pela expressão sombria que o obscurecia.

Joel puxou as pontas do seu *keffiyeh*¹ para esconder as costas tortas e cobriu a perna deformada com a túnica que vestia. A vida lhe parecia muito amarga naquele momento. Ele teria dado qualquer coisa para trocar de lugar com o burro carregado que passava.

“Eu gostaria de estar morto”, pensou melancolicamente, “assim eu não sentiria mais dor, e não ouviria quando as pessoas me xingam”.

Ao lado da porta em que ele estava encostado, havia uma bancada onde ferramentas e ferragens eram vendidas. Um carpinteiro conhecido de Joel que estava lá há algum tempo, selecionando pregos das caixas colocadas diante de si e que tinha ouvido tudo o que aconteceu, falou com ele.

1 Espécie de lenço usado para proteger a cabeça do Sol e da poeira.

— Joel, meu rapaz, posso pedir sua ajuda um pouquinho?
— A pergunta amigável parecia mudar toda a atmosfera.

Joel passou as mãos pelos olhos para limpá-los do embaçado de lágrimas que ele era orgulhoso demais para deixar cair, e depois ficou de pé, de forma respeitosa.

— Sim, Rabi Fineias, o que o senhor gostaria que eu fizesse?

O carpinteiro pegou algumas tábuas de madeira com uma mão e o martelo e as serras com a outra.

— Tenho as mãos muito ocupadas para carregar estes pregos — ele respondeu. — Se você pudesse trazê-los para mim, seria de grande ajuda.

Se o homem tivesse lhe oferecido piedade, Joel teria se ressentido. Sua natureza sensível apreciou a simpatia, a tática fina que acalmou seu orgulho, ao pedir-lhe um serviço, em vez de tentar prestar-lhe um.

Ele não conseguia definir o sentimento, mas pegou o saco de pregos com gratidão e mancou ao lado de seu amigo carpinteiro até sua casa, nos limites da cidade. Ele nunca tinha estado lá antes, embora encontrasse o homem todos os dias na praça do mercado, e já havia muito tempo aprendera a esperar ansiosamente pela sua agradável saudação — era tão diferente da maioria das pessoas! De alguma forma, a manhã sempre parecia mais brilhante depois que ele o encontrava.

A pequena casa branca ficava à sombra de duas grandes figueiras perto da praia. Uma brisa fresca do mar da Galiléia

levantava as folhas e balançava as videiras que cresciam em torno da porta baixa. Joel, cansado pela longa caminhada, ficou feliz em deitar-se na grama, à sombra. Tudo estava tão quieto e calmo ali, depois do barulho da rua que ele tinha acabado de deixar.

Uma galinha velha ciscou ao redor do degrau da porta com sua ninhada de pintinhos amarelos e fofos. As pombas arrulhavam suavemente em algum lugar fora de vista. A bancada do carpinteiro ficava sob uma das árvores, com serragem e palha ao redor. Duas crianças brincavam perto dela, construindo casas com os blocos espalhados; um deles, um menino de olhos negros e robustos, de cinco anos, continuava brincando. A outra, uma menininha de quase três anos, levantou-se e seguiu o pai para dentro de casa. Seus cachos brilhavam como ouro enquanto ela corria pelo sol. Ela olhou para Joel com seus olhos azuis profundos, tão parecidos com os de seu pai, e ele lhe estendeu a mão.

— Venha me contar o seu nome — disse Joel. Mas ela apenas balançou os cachos em seu rosto rechonchudo e correu para dentro de casa.

— É Rute — disse o irmão da menina, dignando-se a olhar para cima. — E o meu é Jessé, e o da minha mãe é Abigail, e o do meu pai é Fineias, e o do meu avô é...

Até onde ele teria ido em sua genealogia, Joel não conseguia adivinhar, pois nesse momento Fineias saiu com um melão suculento e fresco, e Jessé correu para pegar sua parte.

— Como é bom! — Suspirou Joel, enquanto a primeira porção refrescante escorregava por sua garganta sedenta.
— E como é fresco e agradável aqui. Eu não sabia que existia um lugar tão tranquilo em toda Cafarnaum.

— Você sempre viveu aqui? — Perguntou Jessé, curioso.

— Não, eu nasci em Jerusalém. Eu deveria ter sido sacerdote — ele disse com tristeza.

— Bem, por que você não foi, então? — Persistiu a criança, com a boca cheia de melão.

Joel olhou para sua perna torta e não disse nada.

— Por quê? — Repetiu o menino.

Fineias, que havia voltado para sua bancada de trabalho, lançou um olhar gentil para o garoto:

— Você faz muitas perguntas, meu filho. Ninguém pode ser um sacerdote se estiver machucado ou se tiver alguma imperfeição. Algum triste acidente deve ter acontecido com nosso pequeno amigo aqui, e pode ser doloroso para ele falar sobre isso.

Jessé não fez mais perguntas com a língua, mas seus olhos negros e afiados estavam fixos em Joel como dois pontos de interrogação.

— Não me importo de contar — disse Joel, sentando-se mais reto. — Uma vez, quando eu era apenas um pouco mais velho do que você — disse, dirigindo-se ao menino —, pouco depois da morte de minha mãe, meu pai me trouxe de Jerusalém para cá, para visitar minha tia Leia.

“Eu costumava brincar aqui à beira do lago, com meus primos, nos barcos dos pescadores. Havia um menino que vinha até a praia às vezes, muito maior do que eu, um cão samaritano chamado Rehum, que puxava meus cabelos e jogava areia nos meus olhos. Ele era muito mais forte do que eu, e eu não conseguia fazer nada com ele além de xingá-lo. Mas, certa manhã cedo, ele estava nadando no lago. Eu escondi suas roupas nos arbustos de oleandros que margeavam a água. Ah, como ele ficou bravo! Eu queria que ele ficasse mesmo. Mas, depois disso, tive que ficar longe do lago.

Um dia, algumas crianças mais velhas me levaram para as colinas atrás da cidade para colher amêndoas. Esse Rehum nos seguiu. Eu tinha me afastado um pouco dos outros, para colocar as nozes na minha cesta, quando ele se aproximou por trás de mim. Como ele me bateu! Eu gritei tanto, que as outras crianças vieram correndo até mim. Quando ele as viu se aproximando, deu-me um empurrão que me fez rolar por um barranco de pedras. Não era muito alto, mas havia pedras afiadas embaixo. Eles acharam que eu estava morto quando me pegaram. Foram meses até que eu pudesse andar, e eu nunca poderia ficar melhor do que estou agora.

Logo quando meu pai estava prestes a me levar de volta a Jerusalém, ele pegou uma febre repentina e morreu. E assim eu fiquei: um pobre fardo indefeso para minha tia cuidar. Já se passaram seis anos desde então.”

Joel se jogou de comprido na grama e, com o rosto franzido, olhou para o céu.

— Onde está o menino que o machucou? — perguntou Jessé.

— Rehum? — Questionou Joel. — Eu gostaria de saber — murmurou com raiva. — Ah, como eu o odeio! Eu nunca poderei ser sacerdote, como meu pai pretendia. Nunca poderei servir no belo templo com as colunas brancas e portões dourados. Eu nunca poderei ser como as outras pessoas; tenho que me arrastar, deformado e cheio de dor, enquanto viver. E é tudo culpa dele!

Um brilho repentino iluminou os olhos do garoto, como um raio atravessando uma nuvem de tempestade.

— Mas terei minha vingança! — Acrescentou, cerrando os punhos. — Eu não posso morrer até fazê-lo sentir pelo menos um décimo do que eu sofri. “Olho por olho, dente por dente!”² – isso é o mínimo que pode me satisfazer. Ah, você não sabe como eu anseio por esse momento! Muitas vezes, fico acordado até tarde da noite, planejando minha vingança. Então, eu esqueço como minhas costas doem e minha perna dói; então, eu esqueço todos os nomes de que me chamam e as zombarias que tornam minha vida um fardo. Mas todos eles voltam com a luz do dia; e eu os armazeno e os adiciono à conta. Por tudo o que ele me fez

2 N.E. Código de Hamurabi, citado em Êxodo 21.24.

sofrer, eu juro que ele pagará quatro vezes mais em seus próprios sofrimentos!

Rute recuou, assustada pelo menino selvagem e inflamado que se sentou olhando com raiva para a frente, com olhos que não viam nada do mundo verde e bonito ao seu redor.

O rosto de seu inimigo apagava toda a paisagem ensolarada para Joel. Um propósito assassino o encheu de corpo e alma.

Nada foi dito por um tempo. As pombas, como antes, arrulhavam pela paz, e Fineias começou um batuque constante com seu martelo. Uma mulher de rosto agradável saiu pela porta com um jarro de água na cabeça e passou pelo caminho até o poço público. Ela cumprimentou Joel amigavelmente ao passar.

— Espere, mãe! — disse Rute, correndo atrás dela. Abigail se virou para sorrir para a pequena, estendendo-lhe a mão. Seu vestido, feito de um material macio de algodão, pendia em longas dobras fluidas. Era de uma rica cor azul, preso na cintura com um cinto branco. O turbante enrolado em torno de seus cabelos escuros também era branco, assim como o véu que ela afastou o suficiente para mostrar um vislumbre de olhos castanhos e bochechas coradas. Ela usava uma pulseira larga de prata no braço que estava erguido para segurar o jarro, e os anéis em suas orelhas e os talismãs em seu pescoço eram de prata trabalhada de uma forma peculiar.

— Eu não sabia que era tão tarde — disse Joel, levantando-se. — O tempo passa tão rápido aqui.

— Não, não vá — disse Fineias. — É uma longa caminhada de volta para sua casa, e o sol está muito quente. Fique e almoce conosco.

Joel hesitou, mas o convite foi repetido de maneira tão cordial, que ele deixou Jessé puxá-lo de volta para a grama.

— Agora eu vou fazer cócegas nos seus lábios com este pedaço de grama — disse-lhe o menininho. — Veja quanto tempo você consegue ficar sem rir.

Quando Abigail voltou com a água, os dois meninos estavam rindo tão alegremente como se nunca tivesse havido dor ou sofrimento no mundo. Ela sorriu para eles com aprovação enquanto os conduzia para dentro de casa.

Joel olhou ao redor com muita curiosidade. Aquela era como a maioria das outras casas do tipo na cidade: havia apenas uma grande sala quadrada, na qual a família cozinhava, comia e dormia; mas todos os cantos mostravam que Fineias tinha deixado traços de suas mãos habilidosas. Havia uma pequena janela cortada em uma parede; a maioria das casas desse tipo não tinha nenhuma, mas dependia da porta para receber luz e ar. Várias prateleiras ao redor das paredes continham a lâmpada e as louças de barro. O baú feito para guardar os tapetes e as almofadas que eles espalhavam para dormir à noite era excepcionalmente grande e ornamentado. Uma vassoura, um moinho manual e um grande cesto estavam em um canto.

Perto da porta, uma mesa feita por Fineias estava posta para a refeição do meio-dia. Havia peixe grelhado em um dos pratos, feijão e pão de cevada, uma tigela de mel e uma jarra de leite. A comida era a mesma à qual Joel estava acostumado na casa de seu tio, mas algo fazia com que a refeição simples parecesse um banquete. Pode ter sido que a longa caminhada o tivesse deixado mais faminto do que o habitual, ou pode ter sido porque ele era tratado como um convidado honrado, em vez de uma criança tolerada por caridade.

Ele observou atentamente seu anfitrião enquanto este derramava água sobre as mãos antes de comer e pedia uma bênção para o alimento.

“Ele não observa a lei tão estritamente quanto meu tio Labão”, foi o comentário interior de Joel. “Ele pediu apenas uma bênção, e o tio Labão abençoa cada tipo de alimento separadamente. Mas ele deve ser um homem bom, mesmo que não seja tão rigoroso como meu tio fariseu, pois ele é mais bondoso do que qualquer pessoa que eu já conheci antes”.

Era incrível o quanto Joel tinha aprendido, em seus onze curtos anos, sobre a Lei. O marido de sua tia havia crescido em Jerusalém e, ao contrário dos simples galileus entre os quais ele agora vivia, tentava observar as regras mais detalhadas da Lei.

O garoto ouvia seus tios discutirem continuamente, até sentir que não poderia comer, beber ou vestir-se senão por essas regras fixas. Ele não podia brincar como as outras

crianças, e conviver tanto com pessoas mais velhas o tornou pensativo e observador. Ele aprendeu a ler muito cedo; passava horas e horas na casa do Rabino Amos, o homem mais sábio da cidade, folheando seus rolos de escrituras. Imagine uma infância sem um desenho ou um livro de histórias! Tudo o que havia para ler eram esses antigos registros da história judaica. O velho homem gostava dele, pois considerava-o um ouvinte apreciativo e um aluno aplicado. Então, Joel foi autorizado a visitá-lo quando quisesse e tirar os rolos amarelos de pergaminho de suas capas de veludo.

Ele nunca era perfeitamente feliz, exceto nesses momentos, quando estava lendo as antigas histórias da grandeza de seu país. Como ele gostava de perseguir os exércitos dos filisteus e recontar as batalhas dos reis de Israel! Muitas histórias ele guardou em seu cérebro ativo para repeti-las às crianças reunidas em torno da fonte pública no frescor da noite. Não importava de qual personagem ele falasse – sacerdote ou profeta, juiz ou rei –, a imagem era pintada em cores realistas por esse pequeno herói patriótico.

Ali e em casa, ele ouvia tantas discussões sobre o que era lícito e o que não era, que estava constantemente com medo de quebrar uma das muitas regras, mesmo em uma tarefa simples como lavar um copo.

Por isso, ele observou atentamente seu anfitrião até a refeição acabar, e descobriu que, na observância

de muitos costumes, ele não estava à altura do rigoroso padrão de seu tio.



Fineias voltou ao seu trabalho depois do jantar. Ele estava muito interessado em Joel e, enquanto serrava e martelava, mantinha um olhar atento no garoto. Ficou surpreso com o conhecimento do menino. Mais de uma vez, ele se pegou com uma ferramenta ociosa na mão, enquanto ouvia alguma história que Joel estava contando a Jessé. Depois de um tempo, ele largou o trabalho e apoiou-se contra o banco.

— O que você encontra para fazer o dia todo, meu rapaz? — Ele perguntou, abruptamente.

— Nada — respondeu Joel —, depois que recito minhas lições para o Rabino Amos.

— Sua tia nunca lhe dá alguma tarefa para fazer em casa?

— Não. Acho que ela não gosta de me ter à vista mais do que é obrigada. Ela sempre é gentil comigo, mas não me ama. Apenas tem pena de mim. Eu odeio ser alvo de pena. Não há uma única pessoa no mundo que realmente me ame.

Seus lábios tremeram, mas ele conteve as lágrimas. Fineias pareceu perdido em pensamentos por alguns minutos; depois, olhou para o menino.

— Você é um levita — disse ele lentamente —, então é claro que poderia sempre ser sustentado sem precisar

aprender uma profissão. Ainda assim, você seria muito mais feliz, na minha opinião, se tivesse algo para mantê-lo ocupado. Se quiser, vou ensiná-lo a ser carpinteiro. Há muitas coisas que você pode aprender a fazer bem, e, mais tarde, isso será uma fonte de lucro para você. Não há pão mais amargo do que o pão da dependência, como você deve aprender quando for mais velho.

— Oh, Rabi Fineias! — Exclamou Joel. — O senhor quer dizer que posso vir aqui todos os dias? Isso é bom demais para ser verdade!

— Sim, se você prometer dedicar-se até dominar a profissão. Se você for tão rápido para aprender com as mãos quanto foi com a cabeça, terei motivos para me orgulhar de um aluno como você.

O rosto de Joel corou de satisfação, e ele se levantou rapidamente, dizendo:

— Posso começar agora mesmo? Ah, eu vou fazer de *tudo* para agradá-lo!

Fineias colocou uma tábua de pinho macio no banco e começou a marcar uma linha através dela com um pedaço de giz vermelho.

— Bem, vamos ver quão reto você consegue cortar esta prancha.

Fineias pegou um serrote e passou levemente os dedos pelos dentes afiados. Mas parou no momento de entregá-lo a Joel, para perguntar:

— Agora, você tem certeza de que seu tio e sua tia vão concordar com esse acordo?

— Sim, com certeza! — Foi a resposta enfática. — Eles ficarão bastante felizes em me ver fora do caminho e aprendendo algo útil.

O serrote cortou lentamente a madeira; a mãozinha frágil era cuidadosa, e o menino estava determinado a não se desviar da linha. Ele sorriu com satisfação quando os pedaços se separaram, revelando uma borda limpa e reta.

— Muito bom! — Disse Fineias, amigavelmente. — Agora deixe-me vê-lo martelar um prego.

Encorajado por seu primeiro sucesso, Joel martelou vigorosamente, mas o martelo escorregou mais de uma vez, e seus dedos inexperientes doíam com os golpes que ele tinha mirado na cabeça do prego.

— Você vai aprender logo — disse Fineias, com um tapinha encorajador no ombro do menino. — Recolha essas sobras embaixo do banco. Quando você as tiver serrado em pedaços iguais, vou lhe mostrar como fazer uma caixa.

Joel se inclinou sobre seu trabalho com uma intensidade quase dolorosa. Ele segurava a respiração enquanto fazia as medições. Segurava o serrote como se sua vida dependesse da força de sua pegada. Fineias sorriu para sua seriedade.

— Tenha cuidado, meu rapaz — ele disse. — Você vai se cansar rapidamente desse jeito.

Parecia a Joel que nunca houve uma tarde tão curta. Ele havia parado para descansar várias vezes, apenas quando

Fineias insistia que o fizesse; mas esse novo trabalho tinha toda a fascinação de um jogo interessante.

As árvores projetavam sombras gigantescas sobre a grama quando ele finalmente largou suas ferramentas. Suas costas doíam com tanto exercício incomum, e ele estava muito cansado.

— Rabi Fineias — ele perguntou gentilmente, após uma longa pausa —, o que o faz ser tão bom comigo? O que o faz ser tão diferente das outras pessoas? Quando estou com o senhor, sinto que quero ser bom. Outras pessoas parecem me irritar e me deixar mal-humorado; então, sinto que prefiro ser malvado. Esta tarde, quase não pensei em Rehum. Esqueci, às vezes, que sou aleijado. Quando o senhor fala comigo, sinto como se fosse naquele dia em que Dan me levou para o lago. Parecia um tipo diferente de mundo — todo céu azul e água calma. Eu senti que se pudesse ficar lá o tempo todo, onde era tão tranquilo e reconfortante, talvez não odiasse Rehum tanto quanto odeio.

Um olhar surpreso e satisfeito passou pelo rosto do homem.

— Eu realmente o faço sentir assim, pequeno? Então fico realmente feliz. Uma vez, quando eu era um jovem garoto vivendo em Nazaré, eu tinha um amigo que tinha essa influência sobre mim e sobre todos os meninos com quem ele brincava. Eu nunca poderia ser egoísta e impaciente quando ele estava comigo. Sua simples presença reprendia tais pensamentos — quando éramos crianças

brincando juntos, como meus próprios dois pequeninos ali, e quando crescemos, trabalhando juntos. Já se passaram muitos anos desde que deixei Nazaré, mas penso nele diariamente. Mesmo agora, após nossa longa separação, o pensamento de sua vida irrepreensível me inspira a viver de maneira mais elevada. Sim — ele continuou pensativamente, mais para si mesmo do que para o menino — era como música. Certamente, nenhum sacerdote de túnica branca no santo templo já ofereceu um louvor mais aceitável do que a perfeita harmonia de sua vida diária.

Os lábios de Joel tremeram.

— Se eu tivesse tido um amigo de verdade para cuidar de mim — não apenas ter pena de mim, sabe? —, talvez eu fosse diferente. Mas nunca tive ninguém desde que meu pai morreu.

Fineias sorriu e estendeu-lhe a mão.

— Agora, você tem um, meu rapaz, nunca se esqueça disso.

A mão forte e morena se fechou em um caloroso aperto, e Joel a levou, com um impulso de gratidão, até os lábios. Rute se aproximou com olhos curiosos. Ela não conseguia entender o que havia acontecido, mas os olhos de Joel estavam cheios de lágrimas, e ela sentia vagamente que ele precisava de conforto. Ela tinha um pombo de estimação em seus braços, que carregava consigo para todos os lugares.

— Aqui — ela murmurou, estendendo o pássaro de asas brancas. — Garoto, pegue! Garoto fica com ele!

Joel olhou de maneira inquisitiva para Fineias.

— Pegue-o — ele disse, em um tom baixo. — Que ele seja o presságio de uma vida mais feliz que começa para você.

— Eu nunca tive um animal de estimação de qualquer tipo antes — disse Joel, encantado, alisando as asas brancas dobradas confortavelmente contra seu peito. — Mas ela o ama tanto, eu não me sinto bem em tirá-lo dela. Como ele é bonito!

— Minha pequena Rute é uma consoladora nata — disse Fineias, levantando-a nos braços. — Joel deve levar o pombo para casa com ele, filhinha?

— Sim — ela respondeu, balançando a cabeça.

O garoto chorou.

— Vou chamá-lo de “Pequeno Amigo” — disse Joel, levantando-se com o pássaro em seus braços. — Vou levá-lo para casa comigo e mantê-lo até depois do sábado, para ter certeza de que este dia não foi apenas um sonho; mas vou trazê-lo de volta na próxima vez que eu vier. Posso vê-lo aqui todos os dias, e ele será mais feliz aqui. Ah, Rabi Fineias, eu nunca poderei agradecer-lhe o suficiente por este dia!

Foi uma figura pequena e coxa que partiu mancando na luz que desaparecia, com o pombo branco em seus braços. Olhando ansiosamente para o céu, Joel viu uma estrela surgir piscando. O sábado logo começaria, e então ele não poderia ser encontrado carregando nem mesmo esse único pobre pombo. A carga mais leve seria ilegal.

Enquanto ele seguia em frente de maneira apressada, o alto toque de uma trombeta soprado do telhado da sinagoga sinalizou aos trabalhadores nos campos que deveriam interromper todo o trabalho. Ele sabia que em breve ela soaria novamente, para chamar os habitantes da cidade de suas tarefas; e, na terceira trombeta, a lâmpada do sábado seria acesa em cada lar.

Com medo da desaprovação de seu tio por sua chegada tardia, ele se apressou dolorosamente, a fim de providenciar comida e um lugar de descanso para seu “Pequeno Amigo” antes que o segundo toque da trombeta soasse.